



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Nunca o dissemos a ninguém, mas dos programas ou das propostas programáticas apresentadas pelos vários partidos políticos nas últimas eleições para as autarquias do concelho, a que mais apreciamos foi a do PSD de Fão que rezava assim:

«Definição de uma área a sul da vila... destinada a indústrias não poluentes e com tecnologia de ponta»

Ora, sim senhor, aqui estava uma proposta aliciante, modernizada e que revelava uma clara visão de futuro e sintonia com as transformações que o mundo hoje atravessa.

O que é isso de tecnologias de ponta ou indústrias da 3.ª vaga? Nós vamos enunciá-las: electrónica, lasers, óptica, comunicações e informação, genética, energias alternativas, ciência oceânica, manufactura espacial, engenharia ecológica e agricultura de ecossistema. (1)

Indústrias com tecnologia de ponta

E porquê esse nosso entusiasmo? Porque estas indústrias serão as indústrias do futuro e são já do presente, aquelas que «vão dar», aquelas que estão a ultrapassar as indústrias que se firmaram na sociedade a partir do século dezoito e que por si provocaram uma verdadeira revolução industrial ou *descolagem* ou *Take Off*, graças às novas fontes de energia utilizadas: carvão e vapor numa primeira fase, sucedendo-se uma segunda com electricidade, petróleo e motor de explosão.

Estas indústrias que se desenvolveram nos últimos três séculos e a que Alvin Toffler apelidou de 2.ª Vaga (2) estão na agonia final, como o afirma o mesmo autor, agonia que se concretiza hoje inquestionavelmente entre os operários metalúrgicos belgas, os operários da indústria automóvel britânica e os operários têxteis da Carolina do Norte e do Japão.

É um facto que neste momento o nosso país ainda não foi flagelado pelo tormento do desemprego e quem diz o nosso país pode dizer o nosso concelho onde se constata ineludivelmente uma verdadeira crise de mão de obra. Os hotéis e as unidades têxteis andam a «roubar» autenticamente empregados uns aos outros. Mas isto será sol de pouca dura e não deve considerar-se despendendo o contributo, ou sejam, as golfadas de oiro que a CEE vem despejando sobre o nosso país para que Portugal possa aguentar o choque de 93. Os jornais tem noticiado que já foram despedidos centenas ou até milhares de desempregados em algumas regiões do país. Mas afinal como surge o desemprego? Para respondermos a esta pergunta socorremos ainda da autoridade de Alvin Toffler para enunciar sete factores de desemprego.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

JOAQUIM JOSÉ DOMINGUES MARIZ

Não sabemos explicar bem porquê, mas ao evocarmos a figura deste conterrâneo, ocorrem-nos à lembrança aquela canção com que Portugal concorreu ao festival da televisão e que começava assim: «Era um homem de sucesso».



No princípio teve uma vida atribulada. Não foi bem no princípio. Foi quando Portugal em 1910, passou de Monarquia para República. Nessa altura Joaquim Mariz, nascido em 1 de Dezembro de 1891, frequentava o seminário de Santiago em Braga, cremos que no último ano de Teologia. Foram seus pais Josefa Sobral, que ainda conhecemos muito bem (ralhava connosco, a pequenada, que era um caso sério; depois tinha uma voz forte que se ouvia em toda a rua das Pedreiras). O pai foi António Domingues Mariz que era de Fonteboa. Aliás foi através deste casamento que

surgiram os mariz(es) em Fão. Por sua vez este Ant. Mariz era irmão de Monsenhor Mariz, figura de muito prestígio no concelho de Esposende, em Braga, e até em Coimbra. Foi leque de Teologia na Universidade de Coimbra e Carlos Mariz, seu sobrinho, está convencido que chegou a ser professor de Salazar. Nós pensamos que não. Salazar terminou o curso de Teologia em Viseu, nessa altura já lhe chamavam «Padre Salazar», mas como não pôde ser ordenado sacerdote em virtude de não possuir idade, fez o sétimo ano do liceu em Viseu e avançou entretanto para Coimbra onde fez o curso de Direito em quatro anos.

Eram cinco, mas ele foi fazendo sempre mais uma cadeira do ano seguinte e assim terminou o curso mais cedo. Não consta que tivesse frequentado outro curso teológico na cidade do Mondego. Entretanto a aspiração de ser padre foi morrendo.

Joaquim José Maria, como dissemos já, cursava o último ano de Teologia quando rebentou a revolução. Será porventura mais correcto dizer que quando o seminarista Joaquim Mariz ia frequentar o último ano sobreveio a revolução republicana que de início se revelou demasiado anti-clerical. A Igreja foi esbulhada de muito dos seus bens, os seminários, quer dizer, os edifícios onde funcionavam os seminários foram entregues ao Estado, entregues é como quem diz, ocupados pelo Estado, e os seminaristas que tivessem idade para tal foram incorporados no exército. Foi o que aconteceu ao jovem Joaquim José que teve de cumprir o serviço militar e inclusivé efectuar «manobras»: no seu caso e de muitos outros colegas coube-lhe fazer uma volta ao Minho. Parece que ficou cheio da tropa e do seminário, seminário que deixou praticamente de possuir identidade física, pois as aulas passaram a ser ministradas em casas particulares. Isto tudo aborreceu o jovem fangeiro que não mostrou mais vontade de seguir a via de padre. Os pais não estavam pelos ajustes, mas o tio, o já referido Monsenhor Mariz, que na altura era já Desembargador do Paço em Braga, compreendeu e aceitou a resolução do sobrinho.

Como era corrente naquele tempo, o ex-seminarista Joaquim Mariz demandou Terras de Santa Cruz, isto à volta de 1911. Esteve em casa de um primo, José Maria da Cunha Vasco, de Fonteboa, que na altura diafrutava de grande prestígio na cidade do Rio de Janeiro. Tinha uma fábrica, possuía vários armazéns e tornava-se um mecena das artes e das letras. Distinguiu-se na protecção que prestou a Columbano e Malhoa, dois grandes artistas lusitanos. Tinha uma filha, Ana Vasco, jovem muito culta, de grande sensibilidade artística, nomeadamente no campo musical.

(Continua na pág. 2)

FÃO ELEVADO A VILA 15.º ANIVERSÁRIO

No dia 8 de Janeiro de 1976 foi a freguesia de Fão elevada a vila mas a promulgação do Sr. Presidente da República General Costa Gomes, só foi publicada no Diário do Governo de 20 de Janeiro de 1976.

Este grande acontecimento foi comemorado em Abril do mesmo ano, coincidindo com as festas da Senhora de Fão. Duraram vários dias destacando-se do programa um cortejo etnográfico em que colaboraram todas as freguesias do concelho de Esposende. Atenção à Comissão de Festas.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Primeiro temos o factor estrutural que resulta da passagem ou antes da ultrapassagem das indústrias «clássicas» pelas já referidas indústrias de ponta. Esta ultrapassagem ou dito de outra maneira, o colapso das indústrias tradicionais diminui o poder de compra das classes trabalhadoras o que por sua vez provoca o desemprego no sector de vendas.

As novas tecnologias introduzidas ou utilizadas pelas empresas tradicionais e até pelo comércio vão «poupar» mais mão de obra e assim temos o desemprego tecnológico.

Há ainda aquilo a que podemos chamar **desemprego normal** o que sempre ocorreu em todos os tempos e há-de acontecer. As causas são locais e meramente acidentais temos o exemplo flagrante entre nós, portugueses, nos prejuízos enormes e terríveis, provocados pelo advento dos macro e super centros de comércio que verdadeiramente esmagam os pequenos e médios comerciantes.

Podemos falar do chamado **desemprego friccional**, normalmente temporário, que pode resultar do «processo de mudanças de um emprego para outro». E vão cinco.

Existe o que se pode chamar ainda **desemprego informacional** resultante da especificidade das novas tarefas que vão dispensar o chamado «topa a tudo» e que requerem continuamente formações específicas que necessitam de um certo tempo, mais ou menos curto, de preparação.

Finalmente temos aquilo a que Toffler chamou **desemprego iatrogénico** que resulta de políticas inadequadas praticadas pelos governos com o fim de pretenderem aumentar os empregos.

Detoga esta grelha, destacamos o já referido desemprego estrutural ou de competição ou de desactualização, acrescentamos nós, e que resulta da introdução das chamadas indústrias da 3.ª vaga nas indústrias que apareceram a partir do séc. XVIII às quais acrescentam ritmos alternados de produção e portanto de competição, de luta, e consequentemente, de vida e de morte.

Como se pode concluir do texto apresentado, o futuro pertence às indústrias da 3.ª vaga.

De certo modo uma indústria dinamizada e estruturada com Tecnologia de ponta é já uma indústria de 3.ª vaga.

Resta-nos perguntar: já se fizeram ou tomaram-se iniciativas com vista à implantação entre nós de indústrias não poluentes e com energia de ponta como então se escreveu?

(1) Alvin Toffler in Previsões e Premissas.

(2) O choque do futuro.

JOAQUIM JOSÉ DOMINGUES MARIZ

(Continuado da pág. 1)

Uma moça assim dotada não podia deixar de afectar muito positivamente o ex-finalista do curso do seminário. Acabam por casar. Ao fim de um ano o jovem fangeiro deixa a casa do primo e consegue impôr-se tanto no comércio como na sociedade do Rio. A esposa revelara-se *aquela mulher* que está sempre por trás de um homem de sucesso.

O casal teve um filho, Vasco Mariz, que exponenciou em alto grau as qualidades recebidas dos pais. Seguiu a carreira diplomática tendo sido consul no Porto, o nosso Porto, embaixador em Belgrado, Israel, embaixador estagiário em Washington, representou o Brasil na Organização dos Estados da América e foi um dos negociadores do Acordo Luso-Brasileiro sobre dupla nacionalidade. Pela maneira como conduziu as negociações, o Governo Português condecorou-o com a Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Além dessa intensa actividade diplomática — actualmente está aposentado — revelou-se especialista no campo da música, tendo assinado várias obras ligadas sobretudo à opera.

Mas voltemos ao pai, Joaquim Mariz. Tornou-se uma figura muito prestigiada na Colónia Portuguesa do Rio. Foi durante vários anos Tesoureiro da Real Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, passando depois a Presidente. Durante o seu mandato conseguiu desbloquear o impasse em que se encontrava o projecto de construção do Hospital acoplado àquela instituição. Desenvolveu acção muito importante quer no Gabinete Português do Rio de Janeiro quer no Jokey Club também da mesma cidade. Era um homem de sucesso quer nos negócios quer na vida social.

Toda esta intensa actividade exercida num meio que por si é absorvente, não lhe fez esquecer a Terra onde nascera. Ele, Artur Sobral e Avelino Carneiro tornaram-se durante algum tempo a base de apoio da colónia fangeira à terra-mãe. Chamava-lhe a imprensa na altura «trindade bendita». Comprometeram-se os três, perante a Câmara de Esposende, a subsidiar o abastecimento de água a Fão. Surgiu na altura um desentendimento e o prometido apoio foi desviado. Sobral endossou o dinheiro para a compra de um pronto-socorro para os Bombeiros. Joaquim Mariz deslocou a sua participação para os Bombeiros e o Hospital e Avelino Carneiro manteve o seu apoio à Câmara. Foi esta benemérita trindade, a que se associaria outro conterrâneo, Manuel Pinheiro Borda,

quem conseguiu mais tarde a verba necessária para dotar Fão com uma cantina escolar. Releve-se que nesta altura a verba conseguida no Rio, enviada ao câmbio da candonga, o único possível, não atingia os 200 contos, verba considerada necessária para fazer funcionar a cantina. Mercê, porém, da grande amizade que ligava Joaquim Mariz ao ministro da Fazenda de então, foi possível aplicar o câmbio oficial e a quantia chegada a Fão atingiu 300 contos. O facto de aquela instituição hoje desactivada, receber o nome de Joaquim Mariz, significou a gratidão da terra para quem foi o seu maior benfeitor. O hospital de Fão possui ainda uma sala dentária com o nome de Monsenhor Mariz. Isso resultou de mais uma dádiva atribuída por Joaquim Mariz àquela instituição de caridade e que declinou a favor de seu tio a vontade da Provedoria em lhe dedicar uma sala com o seu nome. Por sua vontade expressa, nela figuram o seu nome e os de outros dadores amigos que o ajudavam nas campanhas que promoveu a favor do referido gabinete.

Em Março de 1969 Joaquim Mariz preparava-se para visitar Portugal, a quarta vez, e sobretudo a terra onde nascera. Era seu desejo ofertar mais um óbulo, tanto ao Hospital como aos Bombeiros. Infelizmente faleceu no dia 1 de Abril desse mesmo ano. A esposa, sua segunda mulher — a primeira falecera alguns anos antes — querendo honrar a memória do marido, preparou-se para dar uma saltada a Fão em Abril do ano seguinte. Infelizmente morreu nesse mesmo mês. Mas o desejo de Joaquim Mariz não foi esquecido. Seu filho, o já citado Vasco Mariz, deslocou-se mais tarde a Fão, cremos que em 1971, e distribuiu pelo Hospital e Bombeiros de Fão a quantia de 120 contos, satisfazendo assim a vontade desde há anos manifestada por seu pai. Joaquim Mariz, ainda para além da morte, ajudava a terra que lhe servira de berço.

O HOTEL OFIR NO JORNAL DE NOTÍCIAS

Na última semana do mês de Dezembro o Hotel Ofir foi cantar as Janeiras ao Jornal de Notícias. Veio até fotografia. Nós vimos.

Em termos de marketing a ideia não foi má. Só que o grupo musical que se deslocou àquela periódico não era de Fão, nem tinha nada a ver com a terra. Chama-se «Cantares do Minho» (não se fiem na nossa memória) e pertence a Viana se não estamos em erro. Aliás o relevante é que o Grupo não era de Fão, embora possamos afirmar que se trata de um conjunto de muito nível. Já o vimos actuar.

Pensamos que o Hotel Ofir deveria esforçar-se por conseguir que o Grupo fosse originário de cá. Era a alma de Fão que o Jornal deveria conhecer. Não seria difícil pois em Fão existem já dois agrupamentos musicais e ainda temos potenciais ensaiadores no «desemprego».

Seriam gastos poucos escudos, mas nós sabemos que o grupo que actuou no J.N. não o fez a feijões.

Mais a mais seria uma contribuição de uma unidade hoteleira a favor da terra onde está implantada.

Lembramos a propósito que há anos, quarenta e muitos, o sempre saudoso Sousa Martins, numa campanha de propaganda de Ofir, promoveu ou inseriu numa revista teatral que se exibia no Porto um número dedicado a Ofir. Uma artista cantava um solo e a plateia respondia: «Ofir, terra de sonho e beleza / tu és de todos a princesa, etc.»

Quem era esta plateia? Um grupo de jovens de Fão que o Padre Borda ensaiou e que aquele hoteleiro fez transportar ao Porto.



Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

DE APÚLIA

CENTRO DE SAUDE — O Centro de Saude de Apúlia, melhor, a extensão de Apúlia do Centro de Saude de Esposende, tem a partir de agora um novo responsável administrativo, o Senhor JOAQUIM DA SILVA FARIA, 1.º oficial, vindo da Casa do Povo de Milhazes, Barcelos, após concurso público. É uma boa aquisição, estamos certos, para aquela unidade de assistência à saude.

Entretanto, as instalações onde esses Serviços funcionam, são antigas e pequenas, e encontram-se em tal estado de degradação, que não servem nas melhores condições o atendimento e tratamento dos utentes.

LARGO DE NOSSA SENHORA DA GUIA — Para assinalar a quadra festiva do Natal e Ano Novo, a Junta de Freguesia local, teve a feliz ideia de embelezar o Largo da Senhora da Guia, cobrindo todas as árvores dos dois lados com lâmpadas eléctricas, a cores.

De noite o efeito é agradável e acolhedor. E a nossa sala de visitas tem assim um ar festivo, que se casa bem com a quadra que atravessamos.

FUTEBOL — No último jogo, disputado em Apúlia, o nosso representante não foi além de um empate a dois golos.

O resultado (a pouca sorte também faz parte do jogo) está certo.

No resto, tirando um ou outro lapso do árbitro, foi um bom jogo de futebol, correcto e muito bem disputado.

O Desportivo de Apúlia, que jogou em Ribeirão, com um dos pretendentes à subida do Nacional, portanto com poucas hipóteses de pontuar, está a cair perigosamente na zona cinzenta da classificação.

PLANO DE ACTIVIDADES DA JUNTA DE FREGUESIA PARA 1991 — Para 1991, planeia a Autarquia Apulense diversas actividades em áreas tão importantes como a habitação social a abertura de novas ruas, da Avenida da Praia à Rua do Facho, de Paredes às Pedrinhas e de Criad ao Campo de Futebol, o melhoramento do piso da Rua do Facho, a recuperação, depois das anunciadas demolições, da área envolvente de Cedovem, o embelezamento da zona da Praia de Couve, com novos arruamentos e jardins, o saneamento, etc...

Claro, mesmo com a conhecida boa vontade da Câmara Municipal, principalmente do seu Presidente, vai ser muito difícil concretizar todos estes desejos dos apulenses.

Sonhar, dirão os mais cépticos, é fácil. É. Mas as grandes coisas sempre são sonhadas antes de serem realizadas. E o sonho, escreveu o poeta, comanda a vida!...

ZONA DE COUVE — É com alegria que constatamos que a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal, indo de encontro ao desejo generalizado dos apulenses, a todos os níveis, vai finalmente recuperar aquela magnífica zona da nossa praia de banhos, numa panorâmica de melhoramento equilibrado, destinando grande parte daquela área para jardins, arruamentos e passeios, que se vão enquadrar harmoniosamente no binómio — praia/mar.

Assim, slm!

NATAL DOS TRABALHADORES — A Empresa «Impetus» e as suas subsidiárias, testemunharam mais uma vez aos seus trabalhadores o apreço em que os têm, oferecendo-lhes no Hotel Ofir, de Fão, um Almoço festivo, que se prolongou até às tantas... abrilhantado com récitas, canções, coros e conjuntos musicais, tudo da iniciativa e da autoria dos trabalhadores. Houve prémios, valiosos, houve alegria, e houve gratidão.

No Domingo, antes do Natal, no Salão Paroquial de Apúlia, foi a vez da festa dos filhos dos trabalhadores. Todos receberam prendas nesta quadra festiva do Natal.

As vedetas das festas, claro, foram os proprietários, que participaram e estiveram pre-

sentes a todos os números. Mas os mais felizes foram as crianças.

Uns e outros bem merecem o destaque destas linhas; uns, pelo BOM EXEMPLO que podem ser para muitos... Outros pela alegria dos brinquedos, que o «Pal Natal» lhes ofertou.

FALECIMENTOS — Em 27 de Novembro, faleceu o Senhor José de Oliveira Ribeiro (o Zé da Dete), nascido em 17 de Junho de 1947, natural de Fão, filho de Manuel Gonçalves Ribeiro e de Gilberta Ramos de Oliveira.

Em 14 de Dezembro, no lugar de Criad, faleceu a Senhora Glória Maria de Jesus Carvalho, nascida em 28 de Outubro de 1929, filha de Artur Joaquim de Carvalho e de Glória Rosa de Jesus Capela, natural da freguesia de Barqueiros — Barcelos. Era casada com o Senhor Daniel Lopes de Sá Vilas Boas.

Em 18 do mesmo mês, no lugar da Arcia, faleceu o Senhor Celestino Martins Palmeira, nascido em 20/12/1928, filho de Luís Martins Palmeira e de Carolina Gonçalves Lourenço.

Era casado com a Senhora Alfíria Martins Barbosa Rodrigues.

Ainda no mesmo mês, no dia 22, faleceu a Senhora Laurentina Fernandes de Faria Torres, nascida em 16 de Abril de 1922, filha de José Marques e de Esperança Fernandes Faria Torres, solteira.

Às famílias enlutadas, apresentamos os nossos sentimentos de pesar.

A.S.C.R.A. — Por escritura Notarial, e já com estatutos aprovados, foi criada e oficializada a ASSOCIAÇÃO SOCIAL CULTURAL E RECREATIVA DE APÚLIA (A.S.C.R.A.) que se pretende venha a substituir a Casa do Povo como polo aglutinador nas vertentes social, cultural, recreativa e até, em certa medida, material, em toda a Vila de Apúlia.

A Comissão Instaladora desta Associação val dar mais vida social e cultural a Apúlia, e val procurar tirar do estado apagado em que recaiu aquele Organismo, ainda não há muito, o coração e a cabeça de Apúlia, devendo recuperar para já o edifício social, há anos praticamente abandonado à sua sorte.

ANO NOVO — Para trás ficou mais um Natal. Para uns cheio de amor e calor, tudo luzes e alegria; para outros (tantos), vazio, sem conforto, frio, triste. Quantos daqueles festejaram a Consoada na abundância das mesas fartas, esquecidos das agruras dos que nessa noite apenas tiveram por companhia o Menino Jesus. Que não alimenta, que não esquece, mas que consola e conforta. E isso é um privilégio que só os humildes e os bons conseguem.

Entretanto, no dealbar de um Novo Ano, desejamos que ele seja bom para todos, em especial para os colaboradores deste Jornal.

ALVORADA

*Veio como uma noiva a madrugada
Ao encontro do dia glorioso,
E uma boda feliz foi celebrada,
Ficando todo o mundo luminoso.*

*Havia rosas brancas de alvorada,
Sagrias de poentes outonais,
E por todos os pontos cardiais,
Uma canção alegre e perfumada.*

*Acenos e sorrisos do jardim
Chamavam a atenção de quem passava,
E as folhas com orvalhos de cetim
O sol com lenços brancos enxugava.*

*As janelas abertas da manhã
Inundavam a terra de inocência,
No ar havia um cheiro a hortelã
Deixando uma esperança na existência.*

DINIS DE VILARELHO

ROUXINOL

Já foi distribuído o Rouxinol referente ao Natal/90 compilado pelos alunos da Escola Primária de Fão.

Bastante diversificado, traz textos dos alunos dos vários anos. Na impossibilidade de publicar todos, escolhemos o artigo da primeira página por estar em consonância com a quadra.

«Natal é o nascimento de Jesus, o convívio com a família e partilha com os outros.

Mas para uma grande parte, o Natal é ter a mesa cheia, é entrar e sair nas lojas para comprar presentes, é enfeitar as casas não pensando que é a data mais importante, mesmo sem enfeites. Quantas vezes as pessoas dão presentes bons e caros que por vezes deixamos de lado, e outras vezes, oferecem presentes que não chegam a conquistar a alegria das pessoas. E tudo porquê? Porque esquecemos a mensagem do Natal!

Jesus, o maior presente que no Natal Deus nos deu, veio ao mundo para criar alegria e não tristeza, para abrir o nosso coração e não fechar, para nos darmos a nós próprios e não dar coisas que nada têm de nós. Natal, é o esquecimento dos desentendimentos da família, é o abraço amigo ao vizinho que nos tem aborrecido, é a ajuda àquele que é pobre, triste, abandonado. É Natal!

Mas será mesmo Natal, para todos nós?

4.º ano: Rodolfo-Mariana-Cátia-Maria João-Bruno

TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS

FESTA ESCOLAR

(Continuado da pág. 7)

ano, 10\$00; Vânia Orquídea Martins Silva Hipólito, 4.º ano, 10\$00; Liliana Sobral Carreira, 4.º ano, 10\$00; Ana Cristina Campos Ribeiro, 3.º ano, 10\$00. Alunas contempladas com o prémio «Campos Morais» — Diana Filipa Braga da Silva, 20\$00, 4.º ano, 40\$00; Maria João da Silva Teixeira Costa, 20\$00, 4.º ano. Aluna contemplada com o prémio de comportamento moral «Prior António Alves Nogueira» — Liliana Sobral Carreira, 10\$00. Aluna contemplada com o prémio de carácter «Escultor António Esteves» — Diana Filipa Braga da Silva, 100\$00. Aluna contemplada com o prémio da «Santa Casa da Misericórdia» — Maria João da Silva Teixeira Costa, 500\$00.

Foi pela primeira vez atribuído o prémio «Professor José Pio Rodrigues», instituído por um grupo de antigos alunos do referido Professor. Destina-se a alunos que se distingam pelo seu aproveitamento. Foi, este ano, no valor de cerca de 40.000\$00 (quarenta mil escudos) para alunos das Escolas n.º 1 (Fão) e n.º 2 (Pedreiras), tendo recebido cada um uma placa com inscrição e uma obra literária.

Cada um dos alunos premiados (16) recebeu ainda material escolar variado.

Os alunos destas Escolas a quem foi atribuído este prémio são: Bruno Miguel Reis Azevedo, 4.º ano; Ana Mafalda O. ra Carreira M. e Silva, 4.º ano. Também foram contemplados com este prémio Felícia Oliveira Sá Leites e Hilda Carreira.

O MAR AVANÇA NAS PRAIAS DA BONANÇA E RESTINGA-NORTE

O mar avança nas praias da Bonança e da restinga.

— Com as primeiras vagas de quatro metros e marés de lua, o mar voltou a atacar as dunas da Bonança, a sul do esporão da praia de Ofir.

— Mas não é só neste local que o mar destrói a duna primária; também a norte, mesmo em frente às primeiras casas, o mar já destruiu parcialmente o paredão de defesa paralelo à praia e avança na direcção do pinhal.

O esporão transplantado para aquela zona não defendeu, pelo contrário, permitiu que do lado sul se formasse uma baía acentuada e que avança em arco sobre as dunas já despidas de pinheiros.

AGRADECIMENTO

Agradeço publicamente ao Sr. Doutor Rui Lages e a toda a sua equipa, não só pela sua competência profissional demonstrada quando da minha recente operação, mas também pela maneira sensível e humana como me trataram no pós operação.

Quero também agradecer a todo o pessoal da Santa Casa da Misericórdia de Fão pela maneira simpática e carinhosa como sempre me trataram.

A todos os meus amigos que se preocuparam comigo e me visitaram, levando-me sempre uma palavra de conforto que muito contribuiu para o meu rápido restabelecimento.

Para todos o meu reconhecimento e o meu Muito Obrigado.

José Ramos da Silva


BODAS DE PRATA

No passado mês de Dezembro comemorou as bodas de prata o casal Eduarda/António Viana.

Para festejar a efeméride o casal Viana juntou os seus amigos no Hotel Pinhal onde houve festa até às tantas.


Daqui felicitamos o jovem, quer dizer, o quase jovem casal, não nos esquecendo que o carteiro Viana chegou a fazer uma distribuição do nosso jornal num sábado uma vez que a sexta não chegou.

Um bip! bip! hurra! por muitos anos.



**HOTEL
DO PINHAL**

OFIR — FÃO
Tel. 961473/4



PROCURA-SE CASA EM FÃO PARA ALOJAMENTO DO SEU PESSOAL. ALUGUER ANUAL, PREFERENCIALMENTE.

★

PROCURA EMPREGADA PARA FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS E SECRETARIADO COM CURRÍCULO INDISPENSÁVEL AO DESEMPENHO DO CARGO.

PAGARAM A ASSINATURA

1986/87/88/89/90 — Adriano Nascimento, Fão, 2500\$00. 1987/88/89/90 — Prof. Manuel Nascimento, Fão, 2000\$00. 1987/88/89/90/91 — João Maria S. Nunes da Silva, Esposende, 5000\$00. 1988/89/90 — António Cândido Bandeira dos Santos, Almada, 2000\$00. 1989/90 — Dr. José Borda Rodrigues, Porto, 2000\$00; Armindo da Rocha Duarte, Penafiel, 1250\$00; Menino Tiago Jorge, Penafiel, 1250\$00. 1990 — Manuel Maria Gomes do Vale, Fão, 750\$00; Júlio de Sá Pereira, Porto, 750\$00; Armando Faria Fernandes, Barcelos, 1500\$00; Prof. Mário Ramiro Ferreira, Porto, 750\$00; Dr. Fernando Mariz D. Ferreira, Porto, 750\$00; Dr.ª Maria Teresa Mariz D. Ferreira, Aveiro, 750\$00; Eng.º José Carlos M. Dias Ferreira, Lisboa, 750\$00; Avelino Graça, Apúlia, 1000\$00; D. Elvira Pires de Carvalho, Fão, 1000\$00; António Gomes Lopes, Fão, 750\$00; Dr. José Albino Torres Saraiwa, Fão, 1250\$00; Manuel Vale de Sousa, Fão, 750\$00; José Manuel Rainha, Barcelos, 1250\$00; António Rodrigues Dias, Fão, 750\$00; Rui Laurentino Guimarães Pedrosa, Fão, 750\$00; Cândido Ribeiro Gaifém, Fão, 750\$00; Manuel Ramos Morgado, Fão, 750\$00; D. Edir Mariz da Venda, Fão, 750\$00; D. Alice Torres do Monte, Fão, 750\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00. 1990/91 — Dr. José Vinha Novais, Fão, 1500\$00. 1991 — Ramiro Sá Cruz, Fão, 750\$00; Albino Martins Dias de Faria, Lisboa, 1500\$00; Joaquim Marinho Santos Alves, Porto, 3000\$00; D. M.ª Carolina Magiol Nogueira, Lisboa, 1000\$00; Carlos Alberto Graça Peixoto, Fão, 1000\$00; D. Margarida Maria Trindade Linhares, Fão, 750\$00; Manuel de Sá Leites, Fão, 750\$00; Félix Leite, Brasil, 1000\$00; Daniel Carlos, Fão, 750\$00.

Rotary Clube de Esposende

No mês de Dezembro o Rotary Clube de Esposende recebeu no Hotel Nélia, com toda a pompa e circunstância, a visita do Governador do Distrito 177, Fernando Lima Marques que se fazia acompanhar de sua esposa.

Presentes vários convidados, e representantes de vários clubes rotários.

O presidente José Alberto, como é da praxe, referiu a actividade exercida pelo seu clube ao longo do ano e ainda as várias apostas em que o Clube está empenhado no futuro.

O Governador por sua vez regozijou-se com a actividade e prestígio conseguidos pelo Clube de Esposende, espalhando-se ainda em vários considerandos de índole rotária.

Alberto Figueiredo, Presidente da Câmara, afirmou que o município apoiaria todas as acções desencadeadas pelo clube rotário a favor da comunidade esposendense.

NOVA PONTE DE FÃO

Os trabalhos para a nova ponte de Fão vão iniciar-se dentro de dias. Já chegaram alguns operários especializados que alugaram na Rua de Serpa Pinto a antiga casa do Sinaré.



PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Cá estamos, no início de mais um ano, que é um ano capicua. Há quem diga que as capicuas dão sorte... Oxalá assim seja. Em paz, com saúde, alegria e, como é óbvio, os melhores êxitos nos trabalhos e estudos! Feliz 1991!

A PESSOA

Por **LUÍSA**

(Continuado do número anterior)

Ele fôra diferente: lutara, compreendera, ajudara, desejara transformar e por isso fôra marginalizado, posto de parte.

Que lhe restava num Mundo onde ninguém se esforçava por o compreender, onde ninguém o amava? Foi tomado pelo desespero e eu própria assisti à sua morte, à sua destruição. Era como se tivesse presenciado um crime e nada tivesse feito para o impedir. Pedira-me afecto, compreensão, e a minha resposta fôra distância, egoísmo, preconceito.

Dia após dia, diziam-me para não me preocupar, pois ele já não fazia parte do nosso círculo e assim fiz, com receio de eu própria ser também marginalizada. Fui covarde; sinto-me agora pobre de espírito. Estudei, aprendi, trabalhei para conseguir alcançar os meus objectivos, mas nesta altura eles nada significam, desmoronam-se, porque não consegui bases sólidas para os construir e reter. foi uma oportunidade desperdiçada, mais outra, mais outra ainda...

Culpei os meus «amigos», a minha família, a minha educação, a nossa sociedade, mas, no fundo, a maior culpada fui eu.

Gritei de angústia, de desespero, horrorizava-me o que eu fizera, ou melhor, o que eu não fizera.

Mas, apesar de tudo, ele nunca foi capaz de levantar um dedo contra mim, desculpou-me sempre e foi paciente. Compreendeu todos e ninguém tentou compreendê-lo.

(Continua)

NOSTALGIA

*E após uns anos de ausência,
Que é feito do local da nossa infância?*

*O que aconteceu aos campos verdes,
Às flores, aos animais,
Às pessoas, à vida?*

*Partiram.
Partiram como progresso para nunca mais voltar.
E a recordação boa morreu.*

MARTA

Num exame. O professor perguntou ao aluno:

«Quantas espinhas tem o seu corpo?

Resposta pronta do examinando:

— Tem cinco, Sr. Dr.

O professor olha-o, espantado:

— O menino está a brincar comigo, ou quê? Como pode ser isso?

O aluno explica calmamente:

— Tenho, sim, Sr. Dr. Neste momento tenho cinco espinhas no meu corpo: a espinha dorsal e mais quatro espinhas que engoli nos bolinhos de bacalhau, ao almoço.

★

Uma senhora, viúva há pouco tempo, vê o marido em sonhos.

Pergunta-lhe:

— Então, como estás? És feliz na outra vida?

Responde o marido:

— Sou sim! Muito mais feliz do que quando vivia contigo.


Pergunta ela:

— Então estás no Paraíso?

resposta dele:

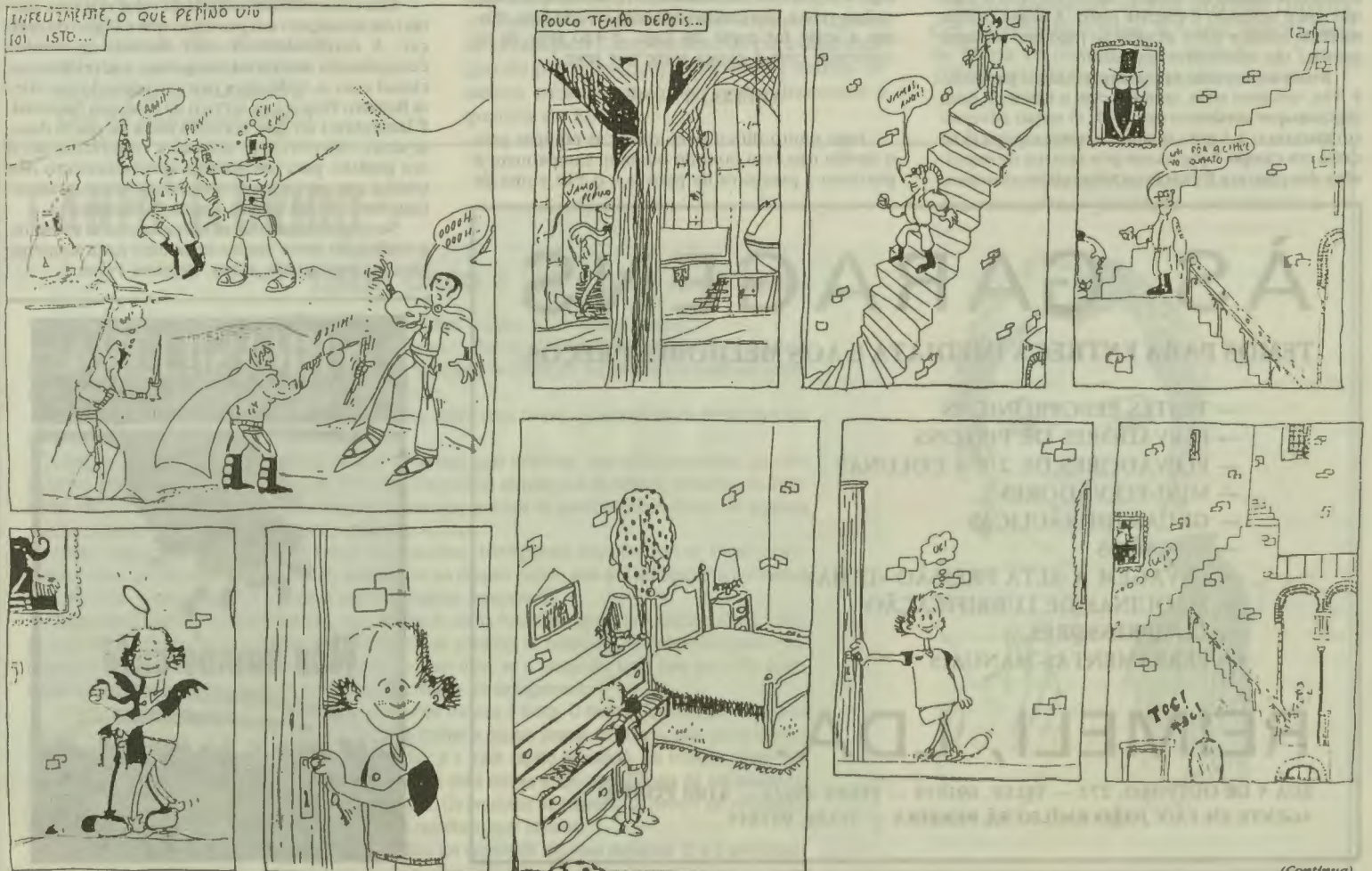
— Não filha! Estou no Inferno, a viver com todos os diabos!...

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

(Continuado do número anterior)

Por **TIAGO**



(Continua)

DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

FUTEBOL

FÃO, 1 - RIBEIRÃO, 2

Fão alinhou com: Carlos; Jaime, Mousinho, Eurico, Vita e Pedro; Bife, Agra, Didi e Flávio.

Jogo em atraso que devido ao mau tempo tinha sido interrompido ao intervalo quando o Ribeirão vencia por 2 a 1. Por coincidência, o Fão perdeu este jogo repetição pelo mesmo resultado. Apesar disso, a nossa equipa foi beneficiada não só por estar a perder, mas porque aquela 2.ª parte ia ser muito mais penosa para os nossos jogadores, perante um adversário com uma equipa mais apropriada para as condições do terreno. De qualquer modo, viemos a perder outra vez. Bem, só que agora tudo foi diferente. Com uma bela tarde de sol, o terreno em boas condições, muito público principalmente visitante (o que não causou admiração, pois que o adversário é um candidato à subida de divisão) e um bom jogo de futebol com o Fão a marcar primeiro por intermédio de Agra (um jogador que começou a época como defesa lateral e bem (diga-se) e que ultimamente tem jogado como avançado e de que maneira! Entusiasmado a equipa e o público devido à sua genica e acima de tudo, remata muito violentamente, o que já lhe valeu alguns golos, que além de espectaculares são precisos para a equipa. Pena foi que devido à matreirice de alguns jogadores da equipa adversária, este jogador tivesse perdido a calma e fosse expulso. Logo a seguir, um defesa adversário também foi expulso, e as equipas ficarem em igualdade numérica. O Fão sentiu mais o golpe do que o Ribeirão. E se a entrada de Sousa para o meio campo veio esbater a supremacia do adversário neste sector, o mesmo não se poderá dizer do outro elemento que entrou para o ataque. Beneficiaria mais a equipa se continuasse sentado no banco e em seu lugar tivesse entrado outrop jogador para o meio campo, que quanto a nós era o calcanhar de Aquiles do Fão.

O Ribeirão acabaria por ter do seu lado um árbitro demasiado rigoroso mais para nós do que para eles. Até no tempo de desconto que deu permitiu ao adversário marcar o 2.º golo quando já muito público ia saindo do campo, satisfeito com o jogo que viu e achando o empate justo. A nossa equipa merecia melhor sorte devido ao jogo que realizou perante um adversário fortíssimo.

Recordamos uma época muito difícil para o C. F. Fão, uns anos atrás, também com o Ribeirão, num jogo em que perdemos por 2 - 1. O nosso adversário marcou o 2.º golo quando a nossa equipa já só tinha em campo 7 jogadores por motivo de expulsões. No jogo em Ribeirão, o adversário conseguiu

o golo do empate, 1 - 1, quando o jogo já levava 7 m de desconto. E como não acreditamos que os árbitros só erram a favor dos grandes portanto, são casos do futebol. Mas isto passava-se nos tempos difíceis das vacas magras e talvez a memória seja curta, e ainda bem.

FÃO, 1 — MARINHAS, 2

Numa tarde de domingo soalheira, os marinheneses deslocaram-se a Fão em grande número, talvez esperançados que a recuperação da sua equipa começaria aqui. O Marinhás que tem um ótimo plantel estava fazendo um mau campeonato e se vieram com a esperança de ganhar satisfatíssimos voltaram para as Marinhás, pois esta equipa ganhou os dois pontos com uma dose de sorte incrível. A equipa do Fão começou o jogo um pouconervosa (o que não é para admirar quando se trata de jogos entre vizinhos), mas aos poucos foi tomando conta do jogo e os bons elementos que compõem a equipa adversária não impediram que o Fão muito justamente chegasse ao intervalo a vencer por 1 a 0 com um golo muito bonito de cabeça apontado por Toni, um jogador que tem sido de muita utilidade para a equipa o que nos apraz registar, pois é um elemento da casa que nasceu numa equipa de juvenis, nas antigas camadas jovens. Na segunda parte a nossa equipa continuou a jogar bem mas tornando-se menos atacante, e conforme o tempo decorria, o Marinhás foi crescendo e conseguiu o golo do empate após a marcação de um pontapé de canto, com culpas para a defesa do Fão (na nossa opinião). A partir daí o ataque da equipa da casa foi reforçado com a entrada de Didi, medida acertada pois a equipa melhorou sensivelmente no ataque.

Já na parte final, o Fão teve possibilidades de marcar o 2.º golo. Numa delas Toni, outra vez de cabeça, rematou, só que o guarda-redes adversário com uma defesa extraordinária, desviou a bola que ainda bateu na barra. Num contra-ataque rápido foi o Marinhás que obteve o golo da vitória (com culpas novamente para a defesa) terminando o jogo logo a seguir. Por isso dissemos no início que o Marinhás veio a Fão conquistar uma vitória feliz. Como a sorte faz parte do jogo, o Fão teve de se contentar com a pouca sorte que teve.

APÚLIA, 2 — FÃO, 2

Jogo muito difícil para ambas as equipas pois o Apúlia não vem fazendo um bom campeonato e portanto a precisava de pontos e o Fão vinha de

duas derrotas seguidas, injustas é certo, mas a realidade era essa e a nossa equipa não queria perder este jogo. Conseguimos os seus objectivos através de uma força e muito querer. Esteve a perder por duas vezes e pelas mesmas vezes conseguiu empatar por intermédio de Mousinho e de Sousa.

Quando as equipas têm ambição pelo 1.º lugar sentem-se obrigadas a ganhar todos os jogos mas para as que apenas pretendem fazer um campeonato mais ou menos regular, e neste caso pensamos que está inserida a nossa equipa, conquistar pontos fora de casa, mesmo não ganhando, achamos que é muito bom. Voltando ao jogo, foi mais uma partida entre vizinhos onde o nervosismo imperou por força da rivalidade existente, o que é normal. Não foi um jogo primoroso mas foi bem disputado, muito viril, com um desfecho justo para a nossa equipa. Achamos que foi muito positivo.

FÃO, 4 — LAGENSE, 2

Iam decorridos poucos minutos da 1.ª parte e já o Fão perdia por 2-0. A coisa começava a ficar feia pois outra derrota em casa complicava um pouco a vida à nossa equipa, só que quando chegou ao intervalo já se registava um empate com os golos da nossa equipa obtidos por Bife e Zezinho. Esta reviravolta deu-se por motivos bem simples: muita força de vontade, muito querer de uma equipa que não caiu no desânimo por ter sofrido 2 golos de rajada e continuando a praticar um futebol razoável, chegou ao que pretendia: modificar o resultado!

Já na 2.ª parte tudo começou melhor. O Fão fez o 3.º golo de grande penalidade por Didi, e quando o adversário tudo tentava para voltar ao empate, a nossa equipa em contra-ataques rápidos, criava constante perigo e num desses um defesa adversário, ao tentar cortar uma jogada, introduziu a bola na própria baliza, concretizando assim o 4.º golo do Fão que assim conseguiu uma vitória justa e merecida.

CANOAGEM

Estiveram em estágio nacional no Algarve os atletas do Clube Náutico de Fão: Luís Sousa, Luís faria e Belmiro Penetra (este já há muito tempo a serviço da Selecção Nacional).

Esta colectividade através do valor dos seus atletas tem alcançado um prestígio que é digno de realçar. A nível nacional com dezenas de títulos conquistados nas várias categorias; a nível internacional com as brilhantes participações do seu atleta Belmiro Penetra ao serviço da Selecção Nacional. É lamentável ter que aceitar a ideia de que o desejo desta colectividade demore a concretizar-se: o seu ginásio, para um melhor aproveitamento dos treinos em terra e a satisfação de possuir umas instalações à altura da sua grandeza desportiva.

Neste país onde tantas homenagens se prestam, a realização deste sonho seria uma justa homenagem ao prestigiado atleta, Belmiro Penetra.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

A BRASILEIRA
PORTO

Nós somos café

AS JANEIRAS

Para angariar fundos, destinados à participação nas Festas de Fão e do Senhor Bom Jesus, um grupo de quarenta fangueiras e fangueiros saiu à rua nas noites dos primeiros dias de Janeiro.

Depois de algumas noites de ensaios, composição das letras e das músicas; arranjo de instrumentos musicais — os mais variados — estes jovens de todas as idades — dos seis aos sessenta — vestidos com trajes tradicionais fangueiros e rurais bateram de porta em porta, pela noite adiante, pedindo um contributo para as festas. Todos disseram sim. As portas abriram-se e cada um recebeu como pôde esta Comissão. Não contentes com a boa recepção em Fão, saltaram a Esposende. Foi um êxito. Trouxeram o saco com muita nota, sem passarem a pente fino a vila velha. Só bateram à porta de alguns que regozijaram com a visita dos fangueiros. Claro que no meu consulado a malta cantou até às tantas...

Depois foi mais um «assalto» a Apúlia. Queria-se nota da grande do senhor Presidente que tem sempre a porta aberta como um Mecenas. Não estava em casa. O saco não ficou tão cheio como se pensava, mas valeu a pena porque grão a grão enche a galinha o papo.

Algumas das quadras improvisadas que conseguimos caçar:

*Vamos, vamos, vamos todos
Pelas ruas a cantar,
Vamos todos reunidos
Para as festas ajudar.*

*Boas-Festas, Boas-Festas
Boas-Festas vimos dar
Vimos cantar as Janeiras
Para o Bom Jesus ajudar.*

*As Janeiras não se cantam
Nem ao rei nem à rainha
Cantam-se à D. Zulmira
Que foi professora minha.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do Loureiro
Viva o senhor Joaquim
Que é um grande cavalheiro.*

FESTA ESCOLAR

Dando continuidade a uma tradição com mais de meio século de existência, realizou-se a festa de Natal da Escola Amorim Campos. Quem não se lembra do 1.º de Dezembro da nossa Escola: das canções, dos recitativos, dos prémios e dos convidados? Bons velhos tempos!... transplantados para o dia 18 de Dezembro. Ainda com a distribuição de prémios que abaixo mencionamos e com um almoço de consoada oferecido e confeccionado pela Junta de Freguesia que paga a totalidade do custo do almoço com dinheiro seu; isto é, o vencimento de autarca reverte em benefício de actividades culturistas. Esta Junta é assim. Oferece à terra cerca de mil contos anos.

As senhoras professoras e alunas montaram o presépio; enfeitaram a sala e prepararam-se para receber os convidados. Hoje, e é pena, os pais já não aparecem. Como os meninos não exibem os seus dotes de actores, as mamãs já lá não vão.

É pena não se querer reconhecer tanto trabalho para além das horas «obrigatórias». Vamos, encarregados de educação, colaborar na educação dos nossos filhos, como fazem tantos benfeitores, incluindo a Santa Casa da Misericórdia.

★

Recebido da Santa Casa da Misericórdia de Fão, do legado de «João Carlos Gonçalves» para distribuição do prémio «Portugal Marreca» a alunos de ambos os sexos com «melhor aproveitamento» a quantia de 200\$00.

Recebido da mesma Instituição do legado de «Francisco Campos Morais» para distribuição do prémio «Campos Morais» a alunos de ambos os sexos pelo seu aproveitamento a quantia de 80\$00.

Recebido da mesma Instituição de legado «Prior Alves Nogueira» para distribuição de prémios a um aluno de cada sexo, pelo seu «comportamento moral» a quantia de 20\$00.

Recebido da Direcção Escolar de Braga, do legado «Escultor António Esteves» para distribuição de prémios a um aluno de cada sexo, pelo seu «carácter» a quantia de 200\$00.

Recebido da Santa Casa da Misericórdia para distribuição de prémios a um aluno de cada sexo que melhor trabalho apresentasse, subordinado ao tema «Santa Casa da Misericórdia, seus beneméritos e sua acção social» 1.000\$00.

★

Alunos contemplados com o prémio «Portugal Marreca»;

Sexo Masculino — Bruno Miguel Reis Azevedo, 4.º ano, 50\$00; Diogo Filipe Simões Lopes Cardoso, 4.º ano, 10\$00

De 1989-1990:

João Filipe Cubelo Arantes Fra. Furtado, 3.º ano, 10\$00; Manuel José do Monte Ferreira, 3.º ano, 10\$00; Bruno Alexandre da Costa e C. Fernandes, 3.º ano, 10\$00; Rodolfo Gaifém Soares e Gomes do Vale, 3.º ano, 10\$00.

Aluno contemplado com o prémio «Campos Morais» — Luís Miguel da Quinta C. Neves Oliveira, 4.º ano, 40\$00. Aluno contemplado com o prémio de comportamento moral «Prior António Alves Nogueira» — Ivandro Gonçalves da Costa, 10\$00. Aluno contemplado com o prémio de carácter «Escultor António Esteves» — Luís Manuel da Quinta C. Neves Oliveira, 100\$00. Aluno contemplado com o prémio da «Santa Casa da Misericórdia» — Bruno Miguel Reis Azevedo, 500\$00.

Alunas contempladas com o prémio «Portugal Marreca»:

Sexo feminino — Ana Mafalda Oliveira Cra. Mendanha e Silva, 4.º ano, 50\$00; Ivone Filipa Ferreira da Silva Moledo, 4.º ano, 10\$00; Márcia Raquel Gonçalves do Vale, 4.º

(Continua na pág. 4)

CANTO FLORIDO

CADA CASO É UM CASO (pele seca)

Após o teste do lenço de papel (ou de seda) ficamos a saber o nosso tipo de pele.

A pele seca encontrámo-la mais frequentemente na mulher do tipo nórdica. Caracteriza-se pela sua fragilidade, falta de brilho, sinais de descamação e facilidade de irritação. As sardas são naturais nestes casos, notando-se principalmente durante a juventude.

Os cuidados a ter com a pele seca devem ser adequados, cons tantes, utilizando desde cedo produtos de limpeza suaves.

Lembremo-nos de algumas das causas (quer externas, quer internas): exposição excessiva ao sol e ao vento sem qualquer tipo de protecção, o excesso de bebidas alcoólicas e de tabaco, alimentação desequilibrada... etc. Além dos cuidados contra estes excessos teremos de saber as propriedades de algumas plantas, para assim, apropriadamente as sabermos utilizar.

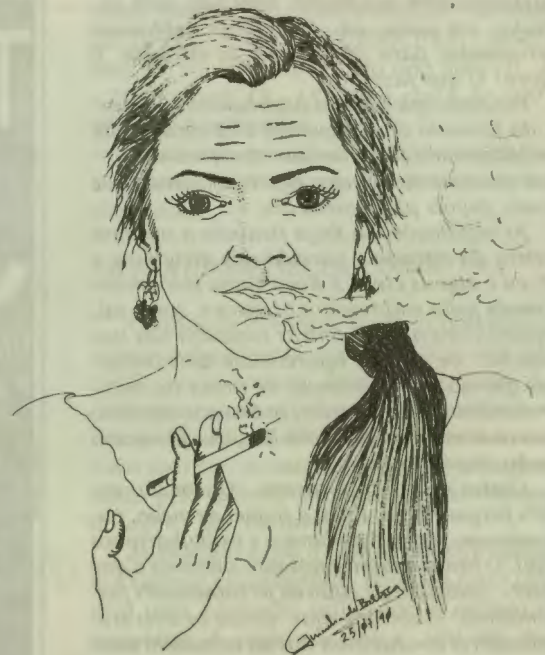
Neste caso específico deveremos aplicar revitalizantes, fortificantes (óleo Germen de Trigo), suavizantes (óleos de Amêndoas Doces), e um antiséptico ao mesmo tempo que anti-inflamatório (extractos de Calêndula — erva que cura e acalma peles problemas e ásperas).

Todos os produtos de cosmética são uma junção de ceras fundidas, águas aromáticas, óleos... etc. as quantidades dos ingredientes fazem a consistência do produto. se pretender o creme mais grosso junte cera de abelha; se o quiser mais suave junte-lhe mais óleo; se o pretender mais fofo junte-lhe água, embora esta adição possa provocar uma maior facilidade de desligamento.

A técnica de saber colocar os cremes em pequenos frascos é lenta. O treino e a utilização de algum tipo de material como: começar com uma pequena colher e depois passar uma faca pela parte interior da colher, é que vão ajudar-nos a encontrar o melhor e o mais rápido processo. Os frascos devem ter o gargalo largo, porque por vezes alguns cremes ficam mais firmes e daí mais difíceis de ser retirados. se assim acontecer volta-se a aquecer em banho-maria. Os produtos de cosméticos devem ser rotulados, além de se poder fazer um registo da receita e do resultado que obteve.

Os cremes devem-se guardar no frigorífico e utilizá-los depois de algumas semanas (2 a 3 semanas).

VALENTINA BARBOSA
Ilustrações: JAIME GUIMBRA



ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Depois da coluna organizada, esta pôs-se em movimento em direcção ao norte. Era composta por homens na sua maioria feridos no seu íntimo e desesperados, pois a maioria tinha lá deixado familiares e não sabia se já estariam mortos.

Depois de cerca de uma hora de marcha, alcançámos a Vila do Caxito onde os seus habitantes vieram para a rua ver a coluna passar, e ao mesmo tempo admirar a farda dos militares que era o camuflado, farda essa desconhecida entre nós até então, mas que se sabia ser usada pelos franceses na guerra da Argélia.

Sessenta kms depois, alcançámos o Ucuá, onde parámos para tomar uma bebida. O Ucuá parecia completamente calmo. No entanto, os seus habitantes estavam preocupados com tudo o que se estava a passar e receavam ser a qualquer momento atacados.

Depois de um curto espaço de tempo, a coluna seguiu rumo ao Piri, e depois para Kibaxe, onde chegámos cerca das três horas da tarde.

Kibaxe, sede do concelho dos Dembos, era uma povoação comercial com cerca de trinta casas, onde alguns dos seus habitantes, com medo, já se tinham refugiado em Quanda. Só alguns, os mais corajosos, lá permaneciam e esperavam a todo o momento serem atacados. O comandante da coluna, Alferes Robles, depois de ter entrado em contacto com o comando de Quanda, através da Rádio da administração Civil, deixou uma secção do seu pessoal, comandada por um sargento a guardar Kibaxe.

Ele, os restantes soldados e nós, os civis, seguimos rumo a Vista Alegre. Trinta kms depois chegámos ao rio Dange, onde a sua maravilhosa ponte construída em betão armado nos permitiu uma fácil travessia. Logo após termos alcançado a outra margem, fomos sobrevoados por um avião civil do Aero Club de Carmona, que depois de diversas evoluções, por cima de nós, deixou cair um papel a embrulhar um peso. Apanhámo-lo e foi entregue ao Alferes. No papel dizia: «pontes cortadas, muitas valas e árvores na estrada... Boa sorte». Depois desta mensagem, demos conta de que não trazíamos nem machados, nem pás, nem enchedas, em suma, não levávamos nenhuma ferramenta para desobstruir as estradas. E agora? O que fazer?

Foi então que alguém sugeriu: «estámos perto da fazenda dos Nogueiras e lá certamente encontraremos ferramentas». O Alferes concordou em seguirmos para a referida Fazenda que pouco depois alcançaríamos.

As instalações da Roça ficavam a uns cem metros da estrada e para lá nos dirigimos a pé, eu e alguns civis. A Roça tinha sido abandonada pelos empregados brancos e, como tal, supúnhamos não encontrar ninguém nas instalações. De repente apareceram dois indígenas que ao ver os brancos de arma na mão, procuraram fugir. Porém, os brancos apontaram as armas e ordenaram-lhes, que parassem senão disparariam.

Cheios de medo pararam. «Quem são vocês?» perguntámos. Estes, a tremer de medo, responderam: «Somos Bailundas e trabalhávamos aqui. O branco fugiu e nós não sabemos o que fazer». «Sabéis onde estão as ferramentas?» perguntámos. «Sabemos sim». Então os dois trabalhadores conduziram-nos ao armazém onde estavam as ferramentas. Apoderámo-nos de machados, pás, enchedas e de dois traçadores

«serrotes». Os dois bailundos ajudaram a transportar as ferramentas até à estrada onde se encontravam os carros.

A seguir perguntei-lhes: «Onde estão os vossos companheiros?» «Alguns estão escondidos na mata mas outros não sabemos».

Conversei com o comandante e depois dirigi-me aos dois homens: «Vocês não podem ficar aqui. Seria muito perigoso. Eu conheço muito bem o vosso patrão e sei que ele tem outra Roça que fica junto a Kibaxe. Chama-se Roça Campeã. São mais ou menos trinta kms daqui mas, pelo mato, será mais perto. Vocês têm que se dirigir para lá. Tenham cuidado principalmente até à ponta do Dange que vocês certamente conhecem, pois fica aqui perto. A partir daí não deve haver problema, pois até agora ainda não houve nada naquela área».

Subimos para os carros e seguimos rumo a Vista Alegre. Passados poucos quilómetros, numa curva, surgiram as primeiras dificuldades. Uma árvore de grande porte estava atravessada na estrada. Os carros pararam e logo os militares dispararam em direcção da mata que ladeava a estrada.

Aproximámo-nos com cuidado da árvore, tomámos posições defensivas, enquanto alguns dos civis, munidos de machados e serras, davam início ao trabalho de desobstrução da estrada. Mas como a árvore era bastante grossa, depois de a serrar em toros, foi necessário amarrar-lhe um cabo de aço e puxá-la com um carro. Quando se terminou este trabalho, já o sol se aproximava do poente e isto seria mais um perigo, mas não se podia desfalecer, pois o apelo daqueles que tinham lá as suas famílias incitava os outros a um esforço quase sobrehumano.

Concluída esta tarefa, a coluna pôs-se finalmente em marcha, mas pouco andou. Surgiu logo novo obstáculo, desta vez uma enorme vala que fez interromper a marcha. As valas na estrada não constituíam grande problema, muito embora as malfeteiros tivessem retirado a terra para longe, para não ser posta novamente na vala. Como a estrada era de terra, permitia cavar dos dois lados da vala fazendo rampas. Sorte não ter chubido nesse dia, se não a terra cavada ficaria empapada e os car-

ros enterravam-se. Entretanto fez-se noite e dali até Vista Alegre foi uma sucessão de valas e árvores atravessadas na estrada.

Os trabalhos eram feitos à luz dos faróis dos carros, o que tornava os trabalhadores num alvo fácil que só uma enorme força de vontade e o apelo constante, do Edmundo Nunes e seu filho Sebastião, fazia superar. O Amadeu Ferreira tinha mandado uma filha de quatorze anos passar as férias da Páscoa à sua Fazenda. O Orlando tinha deixado o irmão com a esposa e um filhinho de dois anos na Roça Almerinda. Todos exigiam uns dos outros esforço e mais esforço. Quando um homem ficava exausto e largava o seu machado, logo outro o substituíam, enquanto os restantes, de arma na mão, deitados na valeta de um lado e do outro da estrada, perscrutavam a mata.

Depois de imenso trabalho, já praticamente exaustos, às quatro horas da manhã alcançámos a Vista Alegre. Todos saltámos dos carros e caminhámos até ao centro onde se encontrava o Bar do Calado. Não se via ninguém. As casas tinham sido todas assaltadas e saqueadas, portas e janelas rebentadas, vidros de janelas e montras tudo partido. A primeira coisa foi tomar medidas de segurança e esperar pelo dia. Assim, o Comandante mandou dispor os carros em círculo, uns virados para Luanda outros para Carmona, ainda outros virados para a estrada que dava acesso ao Bom Destino, todos com os faróis acesos. Enquanto uns, junto dos carros com os olhos atentos ao fecho luminoso dos faróis montavam guarda, outros sentaram-se nos degraus das casas a descansar um pouco.

Passado pouco tempo ouviu-se de entre os brancos: «Pretos!» Seguem-se os disparos. Uma rajada de metralhadora ligeira e novamente o silêncio.

«O que foi?» — interrogámo-nos. Uns correram para o lugar dos disparos.

— O que se passa? «Nós estávamos aqui sentados nos degraus do Bar a conversar — conta o Augusto Ferreira — e de repente saíram do Bar dois pretos que passaram por nós a correr. Eu queria disparar mas tinha medo de atingir algum companheiro nosso. Só quando eles se perdiam no escuro é que disparei. Suponho que atingi algum deles».

Depois deste incidente o comandante Robles com alguns militares entrou no Bar para se certificarem se estaria lá mais alguém.

TRIÂNGULO
JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA
PARA GENTE NOVA

O OLHAR DO DRAGÃO

SETE DIAS E SETE NOITES

CORRE, MICHAEL! CORRE!

EDIÇÕES ASA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA PRÁTICA DO CORNICHON

I — GENERALIDADES

O CORNICHON faz parte da família das curcubitáceas, como os pepinos, melões, abóboras e melancias.

Há dois tipos: — Um liso e outro espinhoso.

1) Tipo liso:

a) Híbridos partenocárpidos com 35 grão por grama.

b) Híbridos com predominância para fêmea com 30 grão por grama.

2) Tipo espinhoso

Este apresenta-se do mesmo modo que os outros do tipo liso.

As variedades do tipo espinhoso são as mais apreciadas pelos industriais.

Em face disso, há todo o interesse na escolha de uma boa variedade do tipo espinhoso, híbrido e com predominância fêmea.

Esta variedade tem o nome de «LEANDRO», que produz cornichons de comprimento 3 (três) e diâmetro 1 (um).

II — TERRENO

O CORNICHON vai, duma maneira geral, bem em quase todos os terrenos, desde que tenham capacidade de retenção de humidade, mas com uma boa drenagem. Prefere solos premeáveis, quentes e ricos em matéria orgânica.

III — PREPARAÇÃO DO TERRENO

Convém fazer uma lavoura de 25 a 30 centímetros de profundidade e uma ou duas gradagens para esmiuçar bem o terreno. Os trabalhos efectuados no terreno durante a Primavera não devem ser feitos com os solos muito húmidos.

O pH ideal será de 6. Os pH bastante inferiores poderão provocar a blocagem do magnésio.

IV — ROTAÇÃO DE CULTURAS

Nos terrenos onde se fazem durante vá-

rios anos seguidos cultura de cereais, convém ver se não haverá ataques de «nemátodos», caso isso aconteça convém fazer um tratamento ao terreno usando MOCAP 10 G à razão de 80 a 100 kgs. por hectare.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

As rotações ideais deverão ser feitas com as culturas de beterraba, ervilba, feijão, tabaco e cebolas pois são bons precedentes.

V — ESTRUMAÇÕES

Deverá ser usado o estrume curral sempre que exista na exploração à razão de 20 a 30 toneladas por hectare devendo ser feitas no Outono/Inverno, ou em sua substituição o adubo orgânico Estreguano numa dose de 2000 a 3000 kgs. por hectare.

VI — ADUBAÇÕES

Para serem feitas conscientemente, deverá-se mandar analisar o terreno, com devida antecedência e em função dos resultados da análise, assim se escolherá o adubo. No entanto, quando não existem análises e atendendo às exigências do CORNICHON, deve-se usar um adubo completo do tipo dum 10 - 10 - 20, ou dum 15 - 15 - 30 à razão de 600 a 800 kgs por hectare.

Dada a sensibilidade do CORNICHON ao cloro, não convém usar adubos com este elemento.

VII — ADUBAÇÕES DE COBERTURA

Quando se pretende acelerar o desenvolvimento das plantas, convém fazer uma adubação de cobertura, usando, no caso dos terrenos serem um pouco ácidos o nitrato de cálcio à razão de 100 a 150 kgs por hectare. Caso isso não aconteça este pode ser substituído pelo nitrato de potássio nas mesmas dosagens por hectare.

Atendendo a que o CORNICHON é bastante exigente em magnésio, convém fazer também uma adubação utilizando o sulfato de magnésio à razão de 80 a 100 kgs por hectare.

(Continua na pág. 10)

Basta[®] a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo
na agricultura

Hoechst
Cap. Soc. 1.200.000.000.000. Cont. Reg. Com. Entre. A.º 1408

(Continuado da pág. 9)

VIII — SEMENTEIRA

Aconselha-se semear, quando a temperatura do solo andar à volta de 12° c, dado que o CORNICHON é bastante sensível às geadas nocturnas, se assim não for, a germinação dá-se em más condições, dificultando o desenvolvimento das futuras plantinhas. A profundidade da sementeira, deverá ser de 1 a 2 cm e o terreno deve estar ligeiramente húmido.

IX — COMPASSOS DE SEMENTEIRA

1) Se o terreno poder ser regado os compassos utilizados deverão ser de;

- a) entre linhas 1,50/1,60 metros;
- b) entre plantas na linha 1,00 metro.

2) se o terreno não for regado os compassos deverão ser:

- a) entre linhas 1,70/1,80 metros;
- b) entre plantas na linha 1,20 metros.

X — NÚMERO DE PLANTAS POR COVACHO

Devem ser semeadas 3 (três) sementes por covacho.

Quando as plantas têm uma folha verdadeira, faz-se um desbaste, de modo que fique apenas 2 (duas) plantinhas por cada covacho.

NOTA: — Cada quilo de semente dá em média para semear 1 (um) hectare.

XI — CONDUÇÃO DAS PLANTAS

Quando as plantas têm 40 a 50 cm de altura, encaminham-se no solo, uma para cada lado do covacho. As entrelinhas podem ser limpas mecanicamente, usando um pequeno

tractor com grade ou um motocultivador.

XII — REGAS

A falta ou o excesso de água, podem sacrificar o êxito da cultura.

Na fase inicial, ou seja quando as plantas são jovens necessitam de água para o seu bom desenvolvimento.

Durante a floração a água faz bastante menos falta. No início da formação dos frutos a necessidade de regas, como é natural, aumenta.

O número de regas depende da maneira como decorre o tempo. Estas deverão ser feitas tanto quanto possível de manhã cedo, para evitar queimaduras e permitir uma boa secagem.

Não convém fazer regas muito abundantes, é preferível fazê-las com menos água e mais frequentemente.

As regas poderão ser feitas por aspersão, economizando, deste modo, bastante mais água, ou pelo sistema de infiltração ou mesmo, e ainda melhor, pelo sistema de gota a gota.

XIII — TRATAMENTOS FITOSSANITÁRIOS

Vamos considerar dois pontos principais, ou seja o combate a pragas e o combate a doenças.

1) Combate a pragas:

a) desinfecção do solo:

Antes da sementeira convém fazer a desinfecção do solo, usando o THIODAN à razão de 6 litros por hectare, misturado com 0,5 litro de DECIS, pois deste modo consegue-se destruir as roscas, nóctuas, alfinetes ou bicha amarela e outros insectos prejudiciais existentes no solo.

b) Antes do início da colheita:

Convém fazer um tratamento para o combate de insectos e ácaros que porventura possam existir.

Para o combate de ácaros poderão utilizar o ACARICIDA HOECHST ou como alternativa o PLECTIRAN.

Para o combate a insectos deverão usar o DECIS se porventura não houver folhas enroladas, caso contrário este deverá ser substituído pelo DIGOR.

c) Na parte restante do ciclo vegetativo:

Se houver piolhos (afídeos), convém tratar com DECIS, ou como alternativa com o PIRIMOR.

2) Combate a doenças:

As principais doenças, que podem atacar o CORNICHON são:

Míldio, ferrugem e antracnose.

Estas doenças combatem-se preventivamente usando o KOR 80 à razão de 250 gramas por 100 litros de água, para tratar 1.000 m².

Os intervalos entre os tratamentos deverão ser de 10/12 dias.

Como tratamento curativo deve usar-se o POLICUR ou o REMILTINE.

XIV — COLHEITA

A colheita inicia-se, logo que apareçam os primeiros frutos e continua a seguir diariamente.

CALIBRADORES DE FRUTA





MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIRGS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43611 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

DOENTES

Após três semanas de internamento no Hospital de Braga já regressou a sua casa a nossa conterrânea Elvira Cubelo, Virinha para as pessoas amigas.

Felizmente que a doença envolveu e nós encontramos-a um dia destes na Pastelaria Sport já bem disposta. Palavra puxa palavra, falámos do Fão actual e do Fão passado. Recordámos famílias de banhistas e tivemos a confirmação de que efectivamente a família Cunhal, D. Mercedes e seu marido que era juiz, veranearam em sua casa uns três ou quatro anos seguidos. Uma noite apareceu e pernoitou lá em casa o filho, então estudante de Direito, Álvaro Cunhal que era procurado pela polícia. Mal alvoreceu, pisgou-se.

Também se refugiou em sua casa, numa altura de eleições, o nosso conterrâneo dr. Alcêu. Tinha lá ido visitar uma parenta. Pouco tempo depois aparecia a Aracy Silva a dizer que a polícia andava a procurá-lo. A família Cubelo entendeu por bem mantê-lo em casa durante uns dias. Depois foi levado para Rio Tinto onde a família Silva o acolheu durante mais algum tempo até que a situação acalmasse.

Entretanto vamos continuar a ver a Virinha Cubelo no seu posto da praia no próximo e nos outros verões.

★

Já se encontra em franco restabelecimento o nosso prezado colaborador José Ramos da Silva que foi submetido a uma operação no nosso Hospital.

Fazemos votos por uma completa recuperação.

Pagamento de assinaturas

O jornal também vive de assinaturas. Neste momento existem 50 assinantes locais que não pagaram qualquer anuidade. Assim é difícil continuar.

Assinar e pagar o jornal é também um acto de bairrismo.

Plano de Actividades da Junta

(Continuado da pág. 12)

- Arranjo do muro de suporte ao longo da Alameda do Senhor Bom Jesus;
- Colocação de Mupis (?) em diversos pontos da vila e na Avenida António Veiga;
- Instalação de abrigos para passageiros;
- Arranjo do pavimento dos Caminhos de Ofir.

Como a despesa do orçamento da Junta atinge os 4.000 contos e sendo 50% desta verba destinada à satisfação de despesas correntes, não se perspectivam obras de vulto, parecendo-nos no entanto o arranjo do pavimento dos Caminhos de Ofir de muita importância. Não nos devemos esquecer que Fão é uma terra eminentemente turística.

NOVO JORNAL

O Concelho de Esposende foi dotado de mais um jornal. Quinzenário, com vontade de ser semanário. Farol de Esposende é o seu nome. tem como director Bernardino Amândio. Pensamos que se trata de uma emanação do Forum ou seja o expressor ideológico deste movimento recentemente criado em Esposende.

Durante muitos anos a vila de Esposende «aguentou» dois semanários: O Cávado e o Esposendense. Não podemos precisar agora se o jornal A Verdade foi contemporâneo destes semanários.

Esposende só tem que se regosijar com o aparecimento de mais um jornal. Será mais uma voz e uma força, ao serviço do concelho.

Na pessoa do seu Director, dr. Bernardino Amândio, pessoa traquejada no jornalismo, saudamos o novo colega fazendo votos por uma longa e operosa vida.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

FALECIMENTO

No Ramalhão onde vivia há muitos anos faleceu Emídio Saraiva.
Apresentamos à família sentidos pêsames.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857

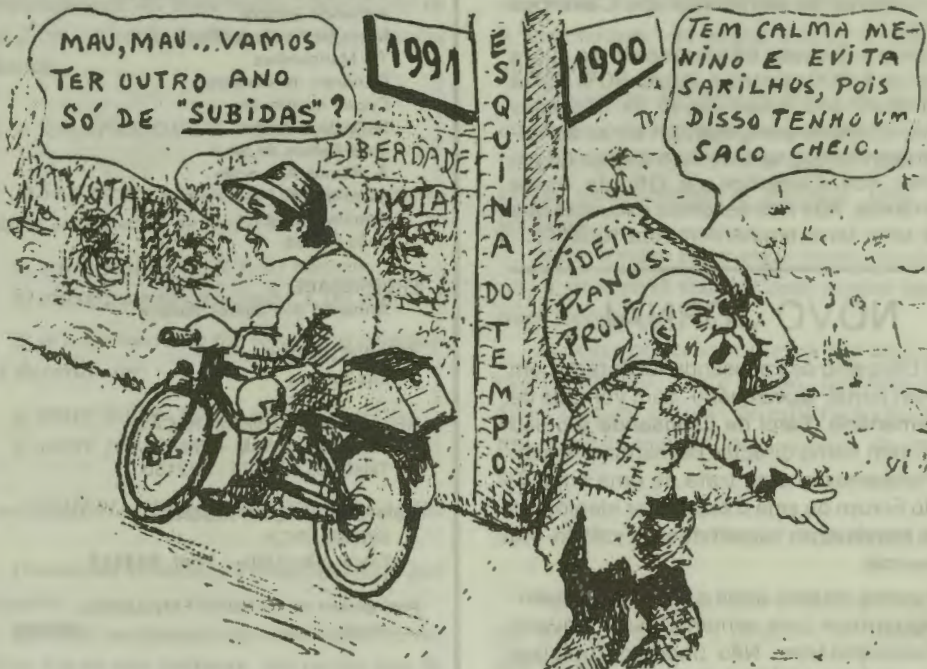


Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiz (75 km).

CUMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

Tiveram a gentileza de enviar Cumprimentos de Boas Festas as seguintes entidades: Santa Casa da Misericórdia de Esposende, Direcção da Organização de Braga do Partido Comunista Português, Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, Dr.ª Rosália Teixeira (Porto), João Maria Nunes da Silva (Esposende), Dr.ª Ângela Soeiro (Portimão), Amândio Caramalho (Brasil), Manuel Raimundo Domingues Ferreira (Brasil), Abílio Rodrigues Peixoto (Alvarães), João Barros (Porto), Odete Piroto (Lisboa), José Maria Casanova (Porto), Fernando Almeida (Porto), António Devesas de Sá Pereira, cônsul da Coreia do Sul, no Porto, Ivobe e Antfno Torres (França) e António Miquelino, Lisboa.



Mais uma vez o grande amigo deste jornal envia um cartão de Ano Novo da autoria de Artur Faria. Gratos

DIRECÇÃO GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

O delegado no Porto da D.G.C.S. teve a amabilidade de nos enviar um gentil cartão de Boas Festas.

A todos o nosso agradecimento e desejos de um Bom Ano.

PLANO DE ACTIVIDADES DA JUNTA

O plano de actividades para 1991 da freguesia de Fão, inclui várias obras que passamos a expôr e que já foram previstas e contempladas no Orçamento Ordinário da Câmara:

— **Conjunto Habitacional do Caldeirão** — Neste campo apenas se pode contar com a elaboração do projecto bem como com o início das obras de infra-estruturas. Ficamos sem saber se as obras se iniciarão este ano. A construção das casas propriamente ditas. O terreno já foi adquirido como referimos no número anterior.

— **Biblioteca de Fão** — Vai proceder-se à aquisição de equipamento:

— **Pavilhão Gimnodesportivo** — as obras vão iniciar-se neste ano.

— **Posto náutico** — idem, aspas.

— **Centro Cultural e Recreativo** — vai ser concluída a 1.ª Fase.

— **Pousada da Juventude** — Vão iniciar-se as obras.

Quanto à rede viária e ambiente:

— **Acesso a Ofir** que inclui o viaduto sob a Avenida António Veiga, arranjo do Caminho das Rodas, rua da bascatinha, da entrada da Av. António Veiga e ainda arranjo ambiental e paisagístico da Margem do Cávado.

No Saneamento e Iluminação teremos:

— Estação Elevatória de esgotos;
— Remodelação da rede de distribuição de águas;

— Remodelação da rede de iluminação pública, na zona antiga da vila;

— Extensão da rede de esgotos a Zona de Ofir, pelo Caminho das Rodas.

Na rubrica «Protecção Civil» vai efectuar-se a Remodelação e ampliação do Quartel de Bombeiros no valor de 80.000 contos, concorrendo o Estado com 48.000.

Não sendo uma obra da responsabilidade da Câmara, espera-se substancial apoio da edilidade.

As obras atrás mencionadas serão, como já dissemos, comparticipadas, ou antes, serão da responsabilidade da Câmara ou do Estado. Propriamente da Junta e num total de 4.000 contos espera a autarquia levar a cabo as seguintes iniciativas:

(Continua na pág. 11)

Petas & Bocas

Por ZÉ MIRONES

Fazer em Fão uma S. Silvestre parece que foi peta mas, valha-nos S. Paio, houve algures uma corrida de S. Silvestre onde alguém correu com uma camisola de Fão.

Pois é verdade, o repórter andou a pau a espreitar os treinos para a S. Silvestre de Fão e descobriu realmente que havia alguém interessado em participar e a treinar minimamente do Cais até ao fim das Pedreiras regressando pelo mesmo caminho até ao Ramalhão e daí até à zona dos hotéis, regressando e terminando no Cortinhal, com o fim de adquirir endurance que lhe permitisse concluir a tal propagada S. Silvestre do Club.

Era alguém de Fão, naturalmente, que não se importava de contribuir com o seu entusiasmo para o arranque inicial dessa tão popular modalidade na sua terra, nem que corresse só ele e o seu cão, mas à medida que os dias passavam, se calhar, convenceu-se que eram tudo bocas e não se enganou nada. Desolado, o dito cujo, já no culminar do Natal pôs essa ideia de lado e decidiu-se então convergir para a S. Silvestre mais próxima a fim de matar saudades, apenas como mero espectador e, aí, o repórter sempre atento, decidiu-se persegui-lo acreditando ir vê-lo fazer a última aventura da vida dele. Mas que grande disparate foi o cair nesse logro pois, afinal, esse tal não participou mas apenas se acomodou a vê-los passar.

No entanto, minhas senhoras e meus senhores de Fão, valeu a pena observar essa corrida, já que nela participou um jovem atleta com uma camisola muito linda, toda azul, de letras brancas, do Clube Náutico de Fão, e quando ele cortou a meta e ultrapassou o funil de chegada aborrou-o para a reportagem. Infelizmente não houve disso já que o corredor não era de Fão, mas houve com ele uma troca de conversa agradável, e disse que correu com aquela camisola ofertada por um colega de trabalho. Fosse verdade ou mentira, gostou de ver naquela corrida uma camisola duma colectividade de Fão que muito entrou nos nossos corações, pois tratava-se de uma camisola muito linda, toda azul, de letras brancas, do Clube Náutico de Fão.

Ao acabar aquela pequena desilusão ficou para a história no Jornal «O Novo Fanguero» que o repórter já viu algures, num pelotão duma corrida de S. Silvestre, correr e cortar a meta de uma corrida de atletismo alguém com um equipamento exclusivo de Fão.

Seria algum candidato a corredor numa equipa de atletismo de Fão, patrocinada por qualquer hotel desse pedaço da Costa Verde?

★

A todos os colaboradores do jornal «O Novo Fanguero» desejo votos de um NOVO ANO muito próspero e repleto de felicidades, muito principalmente ao seu Director e excelentíssima Esposa e mais família.

JOSÉ MORAIS CASANOVA

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO